

O professor na sociedade contemporânea: Educação para a liberdade?

ALVES, Érika Cristina Silva¹

Resumo: A educação na sociedade contemporânea pode ser entendida como um instrumento regulador da mesma. Dimensões políticas, sociais, ideológicas permeiam essa relação. A Educação, enquanto organização institucional do Estado, deve estar à serviço da emancipação do cidadão, permitindo que o mesmo crie condições de perceber-se no mundo e modificar o ambiente à sua volta, pelo menos é isso o que se espera. Mas isso acontece de fato? O professor da escola pública, nesse contexto, possui um papel fundamental, haja vista que o mesmo pode servir como agente à serviço da emancipação ou submissão do aprendiz. Para tanto, ele precisa necessariamente perceber-se como tal, ou seja, estar consciente das forças que atuam em seu campo de trabalho. Refletir sobre essa questão é o objetivo do presente artigo.

Palavras chave: Educação; Professor; Sociedade.

Abstract: Education in contemporary society can be understood as an instrument regulating it. Political, social, and ideological dimensions permeate this relationship. Education, as an institutional organization of the State, must be at the service of the emancipation of the citizen, allowing the same to create conditions to perceive themselves in the world and modify the environment around them, at least that is what is expected. But does this really happen? The teacher of the public school, in this context, has a fundamental role, since it can serve as an agent in the service of the emancipation or submission of the learner. To do so, he must necessarily perceive himself as such, that is, be aware of the forces that work in his field of work. Reflecting on this issue is the purpose of this article.

Keywords: Education; Society; Teacher.

1. Introdução

A educação se dá de forma dialética, repleta de contradições e este caráter é que permite mudanças, já que não segue um plano contínuo e passivo numa realidade complexa. É nesse contexto que o educador está inserido e estabelece relações entre indivíduos, geralmente da classe oprimida, situando a escola pública no

¹ Prof. Licenciada em Pedagogia Plena pelo CESUBE. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.

Brasil. É primordial que o educador se perceba como atuante em um campo onde lida com forças expressivas de legitimação do poder. No entanto, esse mesmo perfil pede desse profissional uma visão crítica e consciente da carreira docente. Para que o mesmo não se torne apenas um instrumento a serviço da classe dominante (BOURDIEU; PASSERON, 1982; FOUCAULT, 1979; GADOTTI, 1998). E é nesse cenário que iremos articular alguns conceitos a respeito do perfil do educador na sociedade atual, sobretudo o que trabalha na escola pública.

2. A situação do educador na atualidade

O professor da rede pública, apesar da sua clara importância na sociedade se defronta com grandes dificuldades no seu cotidiano.

A primeira se encontra no seu reconhecimento profissional, a credibilidade dada ao professor modificou-se consideravelmente. No que se refere à questão econômica, estando em uma sociedade capitalista onde o “status social é estabelecido em termos exclusivamente econômicos, a função do docente passa a ser desconsiderada ou relativizada” (RICCI, 1999 apud UNESCO, 2004, p. 29). O baixo salário reflete negativamente na sua vida pessoal, na busca de formação profissional, na sua disponibilidade de tempo, já que por isso, precisa trabalhar em dois ou três turnos. Essa falta de respaldo econômico imposto à classe trabalhadora funciona como um meio repressor e neutralizante para a sua atuação. “O desprezo por sua função se traduz primeiro, na remuneração mais ou menos irrisória que lhe é atribuída” (BOURDIEU, 1998 apud UNESCO, 2004, p. 31).

Os professores, fazendo parte de uma sociedade que se transforma com velocidade extrema, que impõe constantes mudanças e adaptações, sentem-se impotentes por não conseguir atender às exigências que lhes são feitas no campo profissional, pela sobrecarga de trabalho, pela falta de apoio do pais dos alunos, pelo sentimento de inutilidade em relação ao trabalho que realizam, pela concorrência com outros meios de transmissão de informação e cultura e, certamente, pelos baixos salários (UNESCO, 2004, p. 32).

Não se pretende, porém, fazer um levantamento negativo do perfil do professor, mas sim identificar o contexto em que o professor atua e que por isso, quão necessária é a sua luta.

Não reconhecer, porém o esforço desenvolvido pelos educadores, notadamente, pelos professores de Primeiro e Segundo Graus, para sobreviverem em condições precárias e com salários desvalorizados, parece-me profundamente melancólico [...] Como é possível que não se reconheça no sacrifício que é hoje o ato de ensinar num país onde a educação tem sido boicotada sistematicamente? [...] Os educadores têm hoje que lutar não apenas pelo direito de ensinar, de educar - direito que deveria ser garantido pelo Estado - mas também

para exercer com dignidade uma profissão que esse mesmo Estado desprestigiou (GADOTTI, 1996, p. 60-61).

Ficam evidentes as dificuldades e a complexidade de sua ação, mas se cabe à essa classe, principalmente, a tarefa de conscientização, que essa mesma classe seja primeira conscientizada, pelos colegas de profissão, pelo estudo contínuo, investindo na formação continuada, para que assim saibam lidar de uma forma eficaz com as contradições do seu campo de atuação.

Investir na formação parece ser a melhor forma de (re) agir diante desse quadro.

2.1. A formação do professor

No meio educacional, nunca se falou tanto em formação do professor, em formação continuada. Tenta-se buscar uma (re) significação do papel do professor diante da realidade. É necessário que esse professor mantenha-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino e desenvolvimento de práticas pedagógicas eficientes (MORIN, 2003; PERRENOUD, 2000; PERRENOUD, 2002).

Nessa análise fica evidente o papel do curso superior durante a graduação docente, na preparação de profissional realmente apto para atuar nas escolas, profissional esse que consciente de sua atuação necessitaria de uma visão crítica da realidade que irá atuar. O professor da rede pública precisa perceber-se como passível agente de mudanças através de sua práxis.

Os cursos de graduação em formação docente, no entanto, apresentam muitas vezes um caráter conteudista e totalmente alienado à realidade das escolas e das salas de aula. Isso tem feito do ensino superior uma formação sem força em suas bases para a ação de seus alunos-docentes. Diante desse fato, parece ser impossível atuar no campo educacional, mas para a conscientização do aluno-docente, é necessário que ele entenda que “o antagonismo das classes sociais se apresenta também dentro da universidade, acompanha a evolução do antagonismo das classes na sociedade” (GADOTTI, 1998, p. 115). A educação superior, embora de forma velada, também atende à classe dominante.

A formação do educador se mostra necessária e urgente exatamente por isso. É preciso que o educador da escola pública busque a formação do cidadão completo, o educando que consciente de seu papel na sociedade se perceba como manipulado e oprimido para que a partir daí, exija mudanças através de ações de enfrentamento diante das injustiças sociais.

Entretanto, na formação do professor é importante estar claro que:

Uma docência limitada à transmissão de conhecimentos vira um supermercado de ideias. A pesquisa é essencial à própria docência. Entendo aqui por pesquisa o seu sentido original de busca, de procura, de inquietação, de dúvida. [...] Aqui também acuso a única tradição que é a tradição humanista da nossa universidade mais preocupada em transformar consciências através de sermões, do verbo, do que pelo trabalho, pela pesquisa. Proponho uma metodologia diferente

para a formação da consciência crítica: o trabalho, a produção. O crescimento da consciência não se dá na contemplação, na pura reflexão, mas no trabalho. É pela transformação do mundo que eu tomo consciência do mundo. O professor preocupado em ‘dar essa consciência’ engana-se. A atividade paternalista do professor que quer ensinar a verdade, como se ele fosse o único possuidor só pode tornar o aluno impotente para o ato pedagógico, para a aquisição dessa consciência crítica (GADOTTI, 1998, p. 91).

Daí a necessidade de o educador ter em sua ação, a prática reflexiva, para que esse não siga apenas modelos pré-estipulados para a sua práxis, ou então, siga qualquer tendência modista, sem sequer saber realmente o propósito para tal e se esta prática atende às necessidades do campo onde atua.

Pensando numa postura reflexiva do educador como forma de atenuar as dificuldades de sua prática e agir de maneira a superá-las Perrenoud (2002) cita dez motivos ligados, de forma desigual às evoluções e às ambições recentes dos sistemas educativos. Em todos os casos eles traduzem uma visão definida do ofício do professor e da escola. O leitor que ao estar de acordo com ela não aceitará os motivos apresentados para formar professores que reflitam sobre sua prática. Talvez não aceite nenhum deles. Entre esses motivos, não há cronologia nem hierarquia. Podemos esperar uma prática reflexiva:

- compense a superficialidade da formação profissional;
- favoreça a acumulação de saberes de experiência;
- propicie uma evolução rumo a profissionalização;
- prepare para assumir uma responsabilidade política e ética;
- permita enfrentar a crescente complexidade das tarefas;
- ajude a vivenciar um ofício impossível;
- ofereça os meios necessários para trabalhar sobre si mesmo;
- estimule a enfrentar a irredutível alteridade do aprendiz;
- aumente a cooperação entre os colegas;
- aumente a capacidade de inovação. (PERRENOUD, 2002, p.48)

A prática de ensino que leva à transformação, tanto do educando, quanto do espaço onde atua não se dá de forma passiva e simples, por isso a importância desse mesmo educador perceber de forma crítica a complexidade de sua ação, para que dessa forma não busque soluções “mágicas” ou então, não se conforme com a situação, acreditando que educar seja impossível.

O educador reflexivo sente a necessidade de desenvolver competências no campo onde atua, para que possa mobilizar os recursos disponíveis com a realidade à sua volta, utilizando os seus conhecimentos para a solução dessas dificuldades. Por isso, a razão de se mudar as metodologias de ensino, a maneira de abordar determinado assunto ou tema com o educando. O educador deve sair da didática obsoleta onde utiliza exercícios que não fazem parte da realidade do aluno, que não o instiga a buscar novos conhecimentos. Para formar indivíduos capazes de atuarem em busca de mudanças em suas próprias vidas e também na

sociedade, é preciso que se busquem estratégias de ensino que desperte esse educando, instigando a perceber a realidade para que possa nela interferir.

Perrenoud (2000), chama essa forma diferenciada de ensinar de situação-problema, que busca através de objeto-obstáculo, levar o aluno a encontrar a solução do problema. São situações instigadoras, estimulantes que levam em conta a idade, o nível dos alunos, o tempo disponível, as competências a serem desenvolvidas. Espera-se dessas situações problemas características como:

- uma situação-problema é organizada em torno da resolução de um obstáculo pela classe, obstáculo previamente bem-identificado;
- o estudo organiza-se em torno de uma situação de caráter concreto, que permita efetivamente ao aluno formular hipóteses e conjecturas;
- os alunos vêm a situação que lhes é proposta como um verdadeiro enigma 'a ser resolvido,' no qual estão em condições de investir;
- a atividade deve operar em uma zona próxima, propícia ao desafio intelectual a ser resolvido;
- o trabalho da situação-problema funciona assim, como um debate científico dentro da classe, estimulando os conflitos sócio-cognitivos potenciais;
- a validação da solução e sua sanção não são dadas de modo externo pelo professor, mas resultam do modo de estruturação da própria situação. (ASTOLFI, 1999 apud PERRENOUD, 2002, p. 42-43).

A realidade da sala de aula pede, com urgência, mudanças. Os alunos hoje apresentam uma inquietação que não se via nos alunos de vinte anos atrás e os professores não estão sabendo mais conduzir essa situação, talvez porque ainda utilizem as mesmas estratégias que usavam antes.

Efetuaram-se progressos gigantescos nos conhecimentos no âmbito das especializações disciplinares, durante o século XX. Porém, estes progressos estão dispersos, desunidos, devido, justamente à especialização que muitas vezes fragmenta os contextos, as globalidades e as complexidades. Por isso, enormes obstáculos somam-se no próprio seio de nossos sistemas de ensino (MORIN, 2003, p. 40).

Faz-se necessário uma reformulação do pensamento e da visão da realidade complexa do campo educacional para que não se reproduza os mesmos erros e assim, não se obtenha os mesmos resultados.

2.2. Perceber novos caminhos: educar para a liberdade

Perceber a educação como um projeto de vida, de construção de conhecimentos, de formação do sujeito é a chave para querer a sua mudança atualmente.

Não se pode mais permitir que a escola pública continue formando somente mão-de-obra para o mercado capitalista,

Na qual o trabalhador simplesmente aprenda o que irá utilizar no dia ou semana seguinte no seu cotidiano (em uma dimensão utilitária e redutora), mas aquela que selecione e apresente conteúdos que possibilitem aos alunos uma compreensão de sua própria realidade e seu fortalecimento como cidadãos, de modo a serem capazes de transformá-la na direção dos interesses da maioria social (CORTELLA, 2003, p. 16).

O ambiente escolar não deve reproduzir a ignorância, o descaso, o conformismo porque tais comportamentos não estão ligados à percepção do educando - na sua globalidade, individualidade, complexidade - como passível de aprender, com potencialidades e, principalmente, como a grande população adulta de amanhã.

Em outras palavras, nós educadores, precisamos ter o universo vivencial discente como princípio (ponto de partida), e de maneira a atingir a meta (ponto de chegada) do processo pedagógico, afinal de contas, a prática educacional tem como objetivo central, fazer avançar a capacidade de compreender e intervir na realidade para além do estágio presente, gerando autonomia e humanização (ibidem, p. 125).

A escola deve criar ambientes que permitam a transformação de pensamentos, de posturas congeladas, sedimentadas em concepções reducionistas e unilaterais. Para tanto é importante que o educador conheça a íntima ligação entre conhecimento, Educação e Política, porque estes nortearão a sua prática:

O conhecimento é uma construção cultural (portanto, social e histórica) e a Escola (como veículo que o transporta) tem um comprometimento político de caráter conservador e inovador que se expressa também no modo como esse mesmo conhecimento é compreendido, selecionado, transmitido e recriado (ibidem, p. 17).

A escola pública não deve ignorar a realidade na qual está inserida, por isso a importância do educador saber que a sua prática deve estar alicerçada na teoria, que lhe dará suporte para uma ação afirmativa. “Qual o sentido social do que fazemos?” (ibidem, 2003 p. 120). Essa pergunta deve ecoar em cada ato educador para que se perceba como instrumento de transformação social e não de reprodução dessa sociedade que oprime e degrada o ser.

A educação que não liberta, que não permite a formação do indivíduo autônomo, consciente da realidade circundante e com forças de nela resistir, atuar e modificar. O educador ressalta a importância da formação e dos saberes neces-

sários ao educador. “De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável à mudança”. (FREIRE, 1997, p.11)

Diante de uma realidade educacional complexa, não se pode buscar soluções simplistas para a formação do indivíduo, o educador deve antes de tudo, perceber o educando em seu todo, como humano. Por isso a importância dada por Paulo Freire à amorosidade, respeito, ética, humildade, tolerância, criticidade e diálogo. Não se pode investigar e analisar a Educação esquecendo-se do principal objetivo do seu estudo: o aprendiz. O educador comprometido com a educação libertadora não pode ignorar o educando nas suas especificidades humanas.

O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queria, nem tampouco é a perpetuação do status quo [grifo do autor] porque o dominante o decreta. O educador e a educadora críticos não podem pensar que a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica (ibidem, 1997, p. 126-127).

A escola como ambiente de relações sociais deve ter sempre a presença da esperança, vida, inconformidade, luta, estudo, respeito, diálogo, amorosidade. Ambiente com esses elementos, tendem a ser permeáveis á mudanças, á novas possibilidades, ao crescimento.

A educação e a Escola são os lugares nos quais podemos dizer e exercer mais fortemente o nosso não. Não à miséria, não à injustiça, não à contradição humana versus humano, não à Ciência exclusivista, não ao poder opressor [...] Afinal de contas, por que somos educadores e educadoras? [...] Tenho uma forte suspeita: por causa da paixão [...] Paixão por uma ideia irrecusável: gente foi feita pra ser feliz! (CORTELLA, 2003, p. 157).

O educador precisa compreender que se educa para a vida e não para o aprisionamento, alienação e a morte do Ser. Qualquer ação que não conduza a esse movimento de libertação, deve ser reconsiderada.

Considerações finais

Pensar numa pedagogia para a autonomia requer dos envolvidos saberes e práticas que vão além do quadro e giz. O professor, enquanto profissional, deve buscar compreender as relações ideológicas, políticas que permeiam a sua prática para que assim, possa oferecer aos educandos, possibilidades de se desvencilharem dos grilhões que uma educação não emancipadora pode gerar. Professores, sejam conscientes no ato de ensinar, eduquem para voar, para a liberdade!

Referências

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. 7. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 01/2002**. Ministério de Educação e Cultura, Brasília, DF, 2002. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes?id=12991> Acesso 06 de nov. 2017.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 02/2015**. Ministério de Educação e Cultura, Brasília, DF, 2002. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes?id=12991> Acesso 07 de nov. 2017.

CORTELLA, M.S. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CUNHA, L.A. de O. **Educação, estado e democracia**. São Paulo: Cortez, 1991.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. 15. ed. Campinas-SP: Papirus, 2003.

ESTRELA, M.T. **Viver e Construir a profissão docente**. Porto Alegre: Porto, 1997.

FERREIRA, A. B.de H. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática docente. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Educação e Poder**: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Educação e Compromisso**. 5. ed. Campinas-SP: Papirus, 1998.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 5. ed. Trad. Elóá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2003.

NÓVOA, A. **Os Professores e a Sua Formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Pedagogia Diferenciada**: das intenções à ação. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1980.

SCHIFF, M. **A Inteligência Desperdiçada**: desigualdade social, injustiça escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004.

- Érika Cristina Silva Alves

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9572870942873322>